O CENTENÁRIO DE TOMÁS POMPEU DE SOUSA BRASIL

JOSÉ BONIFÁCIO DE SOUSA

Impedimentos poderosos privaram o Instituto do Ceará, nesta solenidade, de uma voz mais autorizada, dentre tantos sócios credenciados, para dizer dos méritos de Tomás Pompeu de Sousa Brasil, no transcurso do centenário de seu nascimento.

Ainda bem que a tarefa não exige artifícios de oratória nem fulgurações de talento, senão a exposição episódica de uma vida, na nudez forte da verdade, tal como requer a índole do nosso sodalício, onde a consagração dos homens é deduzida do exame tranquilo de seus feitos.

No desempenho dêsse encargo, nada haveria a acrescentar aos tesouros já recolhidos, se das múltiplas facetas da personalidade de Tomás Pompeu novas pepitas não viessem à tona dos anos, como aquelas que o efeito milenar das erosões faz surgir à superfície das antigas grupiaras.

Qualquer que seja a cata do faiscador inexperto, terá ela, neste instante, o mérito de reviver valores que o tempo não consome.

Poucos filhos do Ceará terão opulentado tanto o patrimônio cultural de sua terra, como o homenageado desta noite. Na cátedra, foi inigualável em desvêlo e erudição; no jornalismo, poucos agitaram, como êle, tantas idéias e problemas, com tamanha proficiência e objetividade; na política, enobreceu as atividades cidadãs, honrou o mandato público e deu notáveis exemplos de caráter e de abnegação; nos domínios da ciência, elevou ao máximo a pujança mental de sua raça; e, pelo progresso do Ceará, foi tão completo no sugerir como no realizar.

Tinha o dom de saber repartir os dias as horas entre afazeres os mais diferentes, realizados cada um a seu tempo, com amor e perfeição, desde a simples folha de pagamento de operários até à elaboração dos mais transcendentes trabalhos científicos.

A leitura não era para êle um mero passatempo, mas um encargo a que se impunha com rigorosa disciplina. Quem se der ao gôsto de compulsar os seus diários há de verificar que êsse convívio fecundo com sábios figurava obrigatoriamente na distribuição de suas horas de trabalho que, bem contadas, ascendiam a onze e doze por dia.

Lia, ou melhor, estudava de lápis em punho, caderno ao lado, anotando tudo quando tivesse interêsse imediato ou remoto. Sistematizadas essas notas, chegou a formar a mais curiosa de suas obras, a famosa **Antologia Universal**, em dez volumes manuscritos, infelizmente ainda inéditos, em que colecionou opiniões e conceitos de inúmeros autores de renome mundial, sôbre os mais variados assuntos.

Êsse grande trabalhador morreu, como viveu, trabalhando. Por pouco a morte não o surpreendeu de pena na mão.

Permiti que vos relembre essas particularidades da vida de Tomás Pompeu, pois são profundamente educativas e nos ajudam a desvendar o segredo do êxito dêsse homem singular, em quem inteligência e esfôrço se casavam, para confirmação da regra de que nas manifestações do gênio tanto há de inspiração quanto de transpiração

Tais requisitos herdou-os do pai, o ilustre Senador Pompeu, que o educou na escola do trabalho e na dedicação ao bem comum, e a quem sucedeu na imprensa, na política e na devoção à terra do berço.

De Recife, onde cursava a Academia, encetou correspondência para o Cearense, lística.

O JORNALISTA

Sua primeira incursão na imprensa remonta a 1870, quando mal contava dezoito anos de idade.

De Recife, onde cursava a Academia, encetou corerspondência para o Cearense, jornal fundado e dirigido por seu pai, a serviço do Partido Liberal, na Província.

Referindo-se, na sua provecta velhice, a essa correspondência, qualificou-a o seu autor de "trivial nos conceitos e alambicada na forma". A verdade, porém, é que sua estréia não foi a de um simples aprendiz, mas a de um consumado manejador da pena, portador de um cabedal de erudição que contrastava com a deficiência dos anos.

De retôrno à sua terra, egresso da Faculdade, fez-se redator do Cearense, e neste pôsto em que o colocou a confiança paterna, manteve-se por espaço de oito anos, perfazendo uma das mais brilhantes fases de sua vida de homem público e de letras.

Foi a época em que lhe coube, em função de seu cargo, não apenas manter o comentário político, como também versar assuntos de doutrina e legislação, a par de temas literários e científicos, entregando-se a uma atividade jornalística que foi um dos traços mais fortes de sua poderosa cerebração.

A imprensa foi, com efeito, um dos campos prediletos de sua semeadura e nêle há muito que respigar da imensa seara cultural dêsse infatigável trabalhador da pena

"Naquele tempo, escreveu êle, a feição jornalística não era a de hoje. Impunha-se à sua redação o desenvolvimento e sustentação de teses jurídico-sociais em defêsa dos princípios políticos que objetivavam o programa do órgão do partido. Tinha-se a obrigação de estudar e esmerilhar a história dos partidos, desde os primórdios da imprensa livre, ilustrada com a evolução parlamentar, ora inglêsa, ora francesa, do período da restauração burbônica ao império napoleônico, com diversões pela Bélgica e Itália, países típicos do regime representativo".

É oportuno relembrar também que, por sua vez, os temas literários, além de sólida formação humanística, requeriam conhecimentos especiais de mitologia grega e de história geral, e o jornalista haveria de revelar familiaridade com os clássicos latinos, citados a cada passo, segundo o gôsto da época.

Pôsto que seu estilo jornalístico se revestisse sempre de linguagem serena, a

serviço de um raciocínio impecável, em duas oportunidades a sua pena parece ter-se encandecido.

Foi a primeira, por ocasião da Questão Religiosa, que em 1873 abalou todo o País, inclusive os alicerces do Trono.

Tomás Pompeu tomou resolutamente partido contra os Bispos e, pelas colunas do órgão Fraternidade, fez-se um dos mais temíveis corifeus da causa maçônica, ao lado de Xilderico Farias, Rocha Lima e outros.

No campo adverso militavam dois cearenses de alta envergadura mental. No plano provincial, o padre José Lourenço, depois Bispo de Manáus, e na esfera parlamentar, o deputado Leandro Bezerra Monteiro, que foi talvez o mais denodado defensor da causa religiosa.

Arrefecida a luta, afastou-se Tomás Pompeu da Maçonaria, para a ela não mais voltar.

O segundo momento agudo de seu jornalismo data da fase de agitações que sucedeu ao advento da República.

O artigo inserto no 29 de Julho, edição do ano de 1900, em que esvurmou as mazelas do regime republicano, determinou a sua prisão por ordem das autoridades militares, sob o pretexto de que, sendo professor de estabelecimento militar, estava o articulista sujeito às leis disciplinares do exército.

Contra êsse áto de violência ergueu-se na imprensa e no pretório a voz de Rui Barbosa, a mais autorizada dêste País nos pleitos da liberdade.

Com o falecimento do Senador Pompeu em 1877, transferiu Tomás Pompeu sua tenda de trabalho para a Gazeta do Norte, orgão liberal por êle fundado em 1880, em cooperação com João Lopes, Júlio Cesar e João Câmara. Alí continuou sua faina jornalística, até que outros encargos culturais passaram a polarizar as atividades de sua inteligência.

O POLÍTICO

Ao incumbir-se da redação do Cearense, assumia Tomás Pompeu posição ostensiva ao lado do pai, na política militante. Integrava-se, assim, nas hostes do Partido Liberal, agremiação tradicional que disputava ao Partido Conservador o predomínio político nas províncias e no parlamento do Império.

No Ceará, a origem dessas agremiações remonta ao período da independência nacional, em que se digladiavam **patriotas** e **corcundas**, chamados depois **republicanos** e **imperialistas** e, durante a Regência, **chimangos** e **caranguejos**.

Tais denominações pitorescas continham maior significado e vigor de expressão do que as abstrações pomposas com que se batizam os partidos da atualidade.

Patriotas, **republicanos** e **chimangos**, sucedendo-se uns aos outros, mantiveram bem vivo o ideal de liberdade, de modo a formarem tradição e ambiente para o surgimento de um partido dito liberal, que lhes sucedeu, ao inaugurar-se o II Império.

Epígonos daquelas parcialidades foram sucessivamente Pereira Filgueiras, Tristão Gonçalves o Padre Mororó e o Senador Alencar, pléiade brilhante de heróis e patriotas a que se veio incorporar mais tarde o Senador Pompeu, chefe inconteste do Partido Liberal no Ceará, a partir de 1845.

A atuação de Tomás Pompeu no seio dessa agremiação política tornou-se evi-

dente, a princípio pelas colunas da imprensa e mais tarde na arena parlamentar, como membro da Câmara dos Deputados, nas legislaturas iniciadas em 1878 e 1886.

Duas circunstâncias afastavam-no, entretanto, do terra a terra das competições partidárias: o seu temperamento avêsso à vulgaridade e o amor às cogitações de gabinete.

Dizia-se um tímido, enquanto alguns o chamavam orgulhoso. Mas a verdade é que pertencia a essa casta de aristocratas do espírito, a que repugna poluir as idéias ao contacto grosseiro das paixões e questiúnculas de corrilho.

Preferia, por outro lado, tratar os problemas sociais e políticos por que se apaixonara, à luz do critério cientifico, no círculo limitado das elites pensantes, convicto da quase nula receptividade das camadas populares, ainda não afeitas a discernir os seus próprios interêsses.

Talvez por essas razões se tenha alheado da campanhia da abolição da escravatura, nos moldes em que foi conduzida aqui na Província.

O advento da República veio abrir perspectivas imprevistas na vida de Tomás Pompeu. Desobrigado dos compromissos partidários que mantivera até então, talvez por fidelidade à herança paterna, não lhe faltaram sugestões e oportunidades para se projetar no cenário do novo regime.

Por mais de uma vez, sua cooperação efetiva fôra solicitada por um parente ilustre e influente, o comendador Nogueira Acioli, que desejava vê-lo, com justos motivos, nas culminâncias dos cargos administrativos e de representação.

Sem negar sua valiosa cooperação a quem estava ligado por laços de grande estima, preferiu, contudo, manter-se fiel à tradição monárquica, a que dera a adesão total da sua inteligência, a seguir o exemplo de Nabuco e outros próceres do regime decaído.

A República não lhe trouxe, todavia, a desejada disponibilidade. Ao contrário, os trepidantes acontecimentos que assinalaram os seus primórdios, ofereciam-lhe a cada passo oportunidade de profligar erros e violências, e o fez com desusado destemor.

O PROFESSOR

Arrefecidas as refregas dessa época, pôde então Tomás Pompeu atender melhor às solicitações de sua índole e formação, entregando-se às lides do magistério e às questões educacionais.

Dir-se-ia que fôra essa a sua verdadeira vocação, se não houvesse sido também o primeiro e o maior noutras atividades correlatas.

Quando investido nas funções de Diretor da Instrução, escreveu valioso trabalho sôbre Fiscalização do Ensino Primário, e na sua curta passagem pela administração da Província, achou tempo de promover importante reforma do ensino público.

Professor de Geografia, por concurso, do Liceu e da Escola Normal, deu a lume um compêndio daquela disciplina, também por êle professorada na antiga Escola Militar desta capital.

Conta-se, em abono da exação posta no exercício do magistério, que nos exames finais daquela Escola reprovou o cadete José Acioli, seu sobrinho, que por isso deixou de seguir a carreira das armas, para se tornar o prestante homem público que foi em vida.

Onde, porém, melhor se projetaram suas aptidões de professor, foi na Faculdade de Direito do Ceará, da qual foi um dos fundadores, o consolidador de seu prestígio e por dilatados anos, seu diretor e o mais abalizado de seus lentes. Regeu as cátedras de Economia política e de Direito público, constitucional e internacional, como, de resto, poderia ter regido qualquer outra do curso jurídico, com inexcedível brilho e proficiência.

Sôbre as disciplinas lecionadas, escreveu, para fins didáticos, obras de reconhecido mérito científico, algumas infelizmente inéditas e outras prejudicadas por terem tido suas edições limitadas ao âmbito provincial. Enriqueceu, além disso, o patrimônio cultural da Faculdade cearense com uma série de memórias históricas em que compendiou as mais variadas teorias sôbre métodos de ensino universitário.

Com fundamento, atribui-se-lhe a autoria dos capítulos relativos à instrução pública, nos diversos relatórios e mensagens referentes à administração Nogueira Acioli, nos quais o assunto foi sempre focalizado com a segurança e profundeza só imputáveis a um consumado pedagogo.

O POLÍGRAFO

Com a mesma superioridade com que versava assuntos ligados ao seu magistério e ao ensino em geral, costumava abordar os mais variados temas nos domínios das ciências especulativas e aplicadas.

Não foi sem causa que dêle disse Farias Brito: "escreve para engenheiros, médicos, advogados e estadistas".

Uma rápida análise de sua vasta bibliografia, infelizmente ainda incompleta, dá-nos a idéia de sua cultura enciclopédica. Na seara dos estudos demográficos, produziu **População do Ceará**. constitucionalista, escreveu **Dualidade das Câmaras legislativas** além de numerosos pareceres sôbre casos ocorrentes; na esfera da engenharia e da medicina sanitárias, publicou **Análise dos diferentes sistemas de esgotos**; no plano da crítica literária, deixou-nos um ensaio sôbre José de Alencar e sua obra, nos domínios da Economia pura, versou a **Importância da vida humana como fator da riqueza**, e na Economia aplicada deu a lume várias memórias sôbre plantas e culturas úteis.

Em seu livro **o Ceará no começo do século XX**, foi o primeiro a sistematizar as diversas hipóteses e teorias sôbre a anomalia das sêcas, tendo publicado, sôbre os meios de combatê-las, várias monografias, notadamente **Irrigação no Ceará** e **Vantagens dos trabalhos de irrigação.**

Em que pese o desinteresse manifestado pelas pesquisas do passado, deixou inéditas uma **História política do Ceará** e uma **História da Instrução pública no Ceará.**

Como jurista, alguns de seus pareceres encerram idéias avançadas para a época em que os emitiu, haja vista a sua opinião sôbre **Direito ao emprêgo** e sôbre a faculdade reguladora das emprêsas concessionárias de serviços públicos.

"É êle dos poucos que em nosso País abraçam o círculo todo inteiro dos conhecimentos humanos — escreveu Farias Brito — podendo-se dizer não só que é um espírito viajado por todos os ramos do saber, mas principalmente que tem os melhores elementos para constituir o exemplo raríssimo de uma ilustração enciclopédica. É um trabalhador infatigável, uma cerebração vigorosa, uma das nossas inteligências mais fecundas, se bem que seja muito menos conhecido do que tantos

outros em tôrno dos quais faz grande ruido a opinião pública nacional".

O PENSADOR

Filho do século XIX, Tomás Pompeu tomou contacto com o mundo quando se encontrava no apogeu o prcesso de revisão a que o racionalismo filosófico submetera todo o patrimônio de conhecimentos e verdades acumulados pela humanidade, nos séculos pregressos.

Abrindo a inteligência às idéias triunfantes. prestou tributo ao contismo, sem contudo se haver dissociado inteiramente do idealismo de Hegel que, com maior ou menor acento, parece ter informado todo o seu pensamento.

Essa espécie de equilíbrio, tão ansiosamente buscado, entre filosofias divergentes, julgou tê-lo encontrado nas teorias criadas, em setores diferentes, por Taine Stuart Mill seus mestres prediletos.

Outra faceta de seu ecletismo consistiu na adoção de uma metafísica puramente materialista e experimental, admitindo, todavia, a existência de um deus grande, universal, imponderável, a presidir tôdas as forças e atividades inerentes à matéria.

Nos domínios da cosmogonia, perfilhou a teoria monista e aceitou o evolucionismo de Darwin, no plano da natureza, e de Spencer, na esfera sociológica.

Acreditou na onipotência da inteligência, matriz do conhecimento científico ilimitado, e, como bom filho do século, julgou contados os dias do espiritualismo, oriundo das trevas medievais.

Dessas idéias fez proselitismo através da Academia Francesa do Ceará e da célebre Escola Popular, em que pontificou ao lado de Rocha Lima, Capistrano de Abreu, Araripe Junior e outras figuras do mesmo estôfo mental.

Em suma, Tomás Pompeu saboreou tôdas as iguarias servidas pela presunção humana, porém, por mais que proclamasse o sabor delas, parece não ter jàmais saciado a sua fome de verdade.

Todo o enorme acêrvo de conhecimentos que acumulou, deixava sem resposta aquilo que, antes de tudo, importava saber: o destino do homem. Foi, talvez, sentindo êsse vasio dentro de si, que, em discurso de paraninfo chegou a externar-se dêste modo: "Há nos recessos da alma humana uma fonte perene de aspirações, de fantasias, de desejos que não podemos realizar no pleito incessante da existência presente; alguma cousa misteriosa, incolor, vaga, que nos atormenta a imaginação e se contrapõe às exigências materiais ou mesmo ao puro raciocínio; essa fôrça latente que não dorme, que não emudece aos golpes dos raciocínios mais bem inferidos e lógicos, manifesta-se em criações paradisíacas, na ânsia de prolongar a existência além dos limites do túmulo, nêsse romance dôce do infinito que o Cristianismo põe no fundo dos corações".

A linguagem ainda está impregnada do estilo de Renan, mas o conteúdo faz lembrar a apóstrofe de Musset: "Ai de mim, apesar de tudo, o infinito me atormenta!"

Eram, talvez, os sinais de um grande retôrno, para o qual vários fatores teriam concorido. Pompeu viveu o bastante para assistir o declínio das teorias e doutrinas a que dera a adesão sincera e total de sua inteligência. Por outro lado, não teria sido despiciendа a influência religiosa de suas filhas extremosas, notadamente

dessa admirável Alba Pompeu que, pela riqueza e fecundidade de sua vida cristã, bem merece ser chamada a nossa Elisabeth Leseur.

Se não chegou a reconstituir no coração a fé de seus maiores, como aconteceu a Nabuco, não perdeu oportunidade, na última fase de sua vida, de render o tributo de seu respeito e admiração à ação civilizadora da Igreja, através das obras eternas que ela inspirou e acolheu e também através do espírito de santidade que espalhou e ainda espalha pelo mundo.

Êsse "romance de minha inteligência" como êle próprio chamou a essa busca incessante da verdade, faz lembrar o famoso pensamento de Pascal: buscar a verdade já é tê-la em princípio.

O REALIZADOR

Em Tomás Pompeu parecia coexistirem, em rara e feliz simbiose, duas personalidades distintas, com tendências e aptidões peculiares — a do pensador e a do realizador, a se agitarem em planos diferentes, visando, contudo, ao mesmo objetivo: a grandeza do Ceará.

Grande no jornalismo, na função pública, no magistério, nas atividades literárias e científicas, não foi menor no campo do planejamento e das realizações concretas.

O Ceará foi para êle o vasto laboratório em que, a par das investigações que levou a efeito, deu aplicação a grande cópia de conhecimentos, visando a libertá-lo de seus percalços naturais que se eternizam pela imprevidência e incúria de seus filhos.

Estudou a sua terra nos mais variados aspectos — fisiográfico, social, econômico, biológico, político e histórico, de tal modo detalhado e caprchoso que, segundo o professor Gomes de Matos, a êsse afan de tudo investigar, nem as nossas pulgas escaparam.

O problema premente do êxodo em massa, previu-o claramente numa de suas memórias sôbre a população do Ceará, escrita em 1889. A utilização da açudagem como fonte de energia hidráulica, outra questão de atualidade, foi por êle focalizada há mais de cinquenta anos, em trabalho em que se lê: "A irrigação cientificamente distribuida, imposta pela alternativa de vida ou de morte, será duplamente aproveitada, como fôrça motriz e como agente fertilizante". A cultura do algodão, como primacial à nossa economia, foi insistentemente preconizada numa monografia sôbre a malvácea.

Como homem de emprêsa, manteve por longos anos a única fábrica de tecidos existente no Estado; fundou e dirigiu o Banco do Ceará e uma companhia de transportes urbanos; promoveu a arregimentação das classes conservadoras, tendo sido um dos pioneiros da Associação Comercial e o seu primeiro presidente, na fase de sua restauração.

Notai o cunho de relevante utilidade coletiva de todos êsses empreendimentos, à frente dos quais jàmais se deixou empolgar pelas preocupações exclusivistas do lucro ilimitado, que constituem um dos traços caraterísticos da atividade burguesa-capitalista

A SERVIÇO DO CEARÁ

Ao transpôr os portais do Instituto do Ceará, em 1889, manifestou Tomás Pompeu, em discurso desassombrado, o pouco entusiasmo que lhe despertavam as pesquisas do passado.

Talvez por influência de Taine, para quem a História é uma meia ciência conjectural, considerava que "os estudos históricos valem menos para o bem dos povos que a demografia, por exemplo, cujas revelações são verdadeiros ensinamentos para o Estado e para os indivíduos". E acrescentava: "A natureza, que amortece as impressões e trasmuda as sociedades, parece ter criado entre o homem atual e as éras mortas uma barreira invencível, forçando-o a pensar e a curar mais do presente e do futuro que de épocas distantes, perdidas no passado".

Fiel a êsse pensamento, tantas vêzes reafirmado, devotou-se de preferência aos assuntos ligados à geografia do Ceará, em seus diferentes ramos, opulentando o acervo cultural do Instituto e do Estado em geral, com obras que compendiam todos os conhecimentos acêrca das condições naturais da região, suas riquezas e vicissitudes, seus problemas e possibilidades econômicas.

Presidente dêsse sodalício por espaço de vinte e um anos, não se cançava de solicitar a atenção de seus pares para o que importava antes de tudo ao progresso e a grandeza da terra comum. "Nossa missão, dizia êle, não se circunscreverá ao olhar estéril e saudoso do passado, às lamentações mais ou menos patéticas ou ungidas de devoção cristã pelos que se foram; mas em alargar as fontes do saber, em derrocar a rocha da rotina por onde há de correr a linfa clara da investigação, da análise, até atingirmos às culminâncias da riqueza e da civilização".

"Não é o passado que nos vem deslumbrando — dizia êle — é o presente que vimos afirmar e o futuro que esperamos amalgamar para nossa raça e transmitir aos nossos pósteros".

Essa diretriz êle nos transmitiu com seu exemplo firmado, e como se não bastasse tão precioso legado, quiz sua ilustre família transmitir ao Instituto do Ceará o conjunto de suas obras e o seu próprio arsenal de trabalho, sob cujo tecto nos reunimos neste preito de veneração.

Aqui, entre estas estantes vetustas, viveu e morreu aquêle que, por sua cultura universalista e por sua obre de objetivos regionais, foi por certo o mais erudito de todos os cearenses e o mais cearense de todos os nossos eruditos.

Ao seu entranhado amor por esta terra deu, como nenhum outro em todos os tempos, a mais alta expressão de serviço e dedicação. Amou e serviu ao Ceará com a constância de seu esfôrço, com o brilho de sua inteligência, com o mérito de suas obras e com a eficácia de suas realizações.

Honremos em Tomás Pompeu uma das mais legítimas glórias do Ceará.